

BRUNO DE MENEZES: UM PERCURSO DO REINVENTOR DO PEIXE FRITO

Marcos Valério Lima REIS

RESUMO

Bruno de Menezes, negro, jornalista, militante, literato paraense, enfim, humanista, construiu uma produção literária *sui generis* no cenário nacional no chamado contexto do Modernismo, embora sua obra praticamente esteja circunscrita à circulação no âmbito local. Ele vivenciou na poética e na política experiências que lhes permitiram contrapor-se à imagem estereotipada do negro apresentada pela produção literária dominante. Partindo dessa motivação, o texto objetiva acompanhar e analisar aspectos da trajetória de vida do poeta negro, o processo de criação de sua produção artística, focalizando sua militância política e as relações dessa vivência com seu fazer literário. Para isso, utiliza-se a análise interpretativa dos Estudos Culturais, campo teórico-metodológico que, ao se ocupar das conexões Literatura e História, apreende interdisciplinarmente experiências socioculturais de diferentes agentes em negociações, aceitações, conflitos e resistências. Igualmente, valoriza os sentidos das relações de força impostas pela classe dominante e como grupos populares as experimentam, contaminam-se e as contestam. Seus diálogos legitimados pela vivência e pela arte literária, tornam-se importante instrumento de estudo sobre poesia, identidades, saberes e religiosidades das diásporas africanas na Amazônia.

Palavras-chave: Bruno de Menezes. Literatura e História. Estudos Culturais. Africanidade.

ABSTRACT

Bruno de Menezes, a black man, a journalist, a militant, a literary man from Pará, a humanist, built a sui generis literature production on the national scene in the so-called context of Modernism, although his work is practically circumscribed to circulation at the local level. He lived in the poetic and political experiences that allowed them to counteract the stereotypical image of the presented by the dominant literary production. Based on this motivation, the objective text accompany and analyze aspects of the life trajectory of the black poet, the process of creation of his artistic production, focusing his political militancy and the relations of this experience with his literary doing. For this, we use the interpretative analysis of Cultural Studies, Field theoretical-methodological approach that, when dealing with the connections Literature and History, apprehends interdisciplinarily socio-cultural experiences of different actors in negotiations, acceptances, conflicts and resistances. Equally, it values the meanings of the relations of force imposed by the class dominant and popular groups experience, contaminate and challenge them. Their dialogues legitimized by the experience and literary art, become an important instrument of study on poetry, identities, knowledge and religiosities of African diasporas in the Amazon.

Keywords: Bruno de Menezes. Literature and History. Cultural Studies. Africanity.



da palavra

VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018

ISSN 1415-7950

INTRODUÇÃO

Bruno de Menezes (1893-1963) presenciou a transformação da cidade de Belém, na virada dos séculos XIX e XX, sofreu as consequências do abandono da cidade, testemunhou exclusões das culturas de periferia, as mazelas sociais e políticas surgidas desse período. Imerso nas mais diversas esferas sociais, experimentou, percebeu, dialogou com seus pares e viveu o período da belle époque, e como literato e intelectual, acompanhava a vida da capital paraense. Absorvia o cotidiano da cidade e observou e viveu as mais diversas mazelas dos excluídos. No poema Belém, cidade que teve um passado, retrata a degradação de Belém, vista após o período gomífero. A crítica social feita à cidade mostra a ruína física, econômica e a pobreza que foi projetada sobre a população. Sarges relata a degradação da cidade neste tempo.

A crise se manifestou nas falências de casas aviadoras, na queda de produção dos seringais, no caos das finanças públicas. No plano social ocorreu a pauperização da população e a deposição social de famílias instaladas com base no aviamento da borracha (SARGES, 2010, p. 133).

Bruno de Menezes presenciou a transformação física, social e econômica da Belém. Captado por sua poesia, trouxe, crítico que era e não participe do banquete gomífero, o retrato degradante da capital paraense, uma metrópole que desejou “luzes de candelabros, transportes modernos, conforto natural da civilização” (MENEZES, 1993, p. 488). Entretanto, na percepção do poeta, Belém, como toda a Amazônia ligada ao sistema capitalista de comércio internacional da borracha, durante esse período, foi surpreendida, o que a levou à falência social. O enriquecimento artificial desaparece e dá espaço à crise econômica. Sarges (2010, p. 138), acompanhando a compreensão de Luís Osiris da Silva sobre esse decadente período, confirma esse caráter “puramente colonial, destinada ao comércio internacional” da região Amazônica:

A Amazônia, descapitalizada, manietada pela falta de poupanças locais, presa a uma estrutura econômica retrógrada, viu passar, desse modo, sua chamada fase áurea. E assim, embora tenha sido a pedra de toque da conquista do vale para o Brasil, a borracha ficaria reduzida apenas ao mais vibrante capítulo do homem planicário para a constituição de sua economia (SARGES, 2010, p. 138).

A própria condição financeira do poeta – pobre, preto e oriundo do Jurunas, da periferia da cidade – refletia o contexto daquele período. Bruno afirma o estado degradante da capital paraense, quando relaciona os períodos de ascensão e decadência daquele período. Ele, falando de um lugar social à margem, critica o pensamento da elite que via esse momento como eterno, que “não passaria”. Por isso “esbanjastes os ouropeis da tua leviandade e não cuidaste de ti” (MENEZES, 1993, p. 488).

Morador do bairro do Jurunas, Bruno teve sua infância marcada pela pobreza, condição legitimadora do contraste social existente entre a prosperidade dos bairros da borracha e a mendicância que grande parte da população belemense vivia. A inquietação de Bruno de Menezes frente à condição social e financeira de sua família o fez lançar-se ao trabalho árduo como aprendiz de gráfico; conforme relata Rocha (1998):

Pobre, paupérrimo mesmo, trabalhou Bruno como aprendiz de gráfico na Livraria Moderna, de Sabino Silva, onde, como de praxe aquela época sofria vexatórios castigos impostos por Manoel da Costa. Semi-operário afeito as artes de oficina, passou-se para a livraria Gillet e já na qualidade de mestre prestou serviço na livraria Bittencourt. É uma das fases mais críticas de sua vida, espoliado e humilhado, Bruno revolta-se contra o desumano regime capitalista. E torna-se prosélito da doutrina anarquista (informação verbal)¹.

¹ Fragmento do pronunciamento feito em 1988, pelo príncipe dos poetas Alonso Rocha, na Academia Paraense de Letras em homenagem ao 95º aniversário de nascimento de Bruno de Menezes.

pobreza que vivia Bruno de Menezes em sua fase adulta, já casado com a professora Francisquinha Menezes e com filhos. Este período, assim como em sua infância, foi de desilusão e, ao mesmo tempo de inquietude familiar e social. O estado miserável em que viveu é recapitulado pelo olhar atento de sua filha, Irmã Marília Menezes. A narrativa ilustra a solidariedade que Bruno recebeu de amigos para a manutenção da família e para a aquisição da casa própria:

As casas em que morávamos na Cidade Velha (só posso falar sobre essas) eram todas alugadas, com sacrifício, por meus pais, pois o aluguel era alto para dois funcionários públicos que ganhavam uma miséria. Muito pequenas para os 6 filhos (Geraldo vivia no Seminário de Belém)² e os pais. Na casa da Rua Gurupá ainda tínhamos uma senhora que ajudou mamãe a nos criar durante 8 anos. Morreu quando eu tinha 6 anos e a chamávamos de mamãe Zizi. Na casa da Rua Santarém, 10, muito estreita, meus irmãos rapazes dormiam com a rede por cima da mesa, e as 4 moças no mesmo quarto pequeno. Havia uma fossa horrível na rua. Com muita oração, economia severa e ajuda de uma senhora amiga, foi possível comprar a atual casa da João Diogo, 26, que nos pareceu um palácio. Na João Diogo papai teve um quarto mais espaçoso para escrever e guardar livros e papelada, arrumada por ele e minhas irmãs. Entretanto, mamãe, com sua veia poética, sempre dizia que a casa da Rua Santarém onde passamos mais tempo, foi o casulo onde as borboletas (filhos) se formaram para a vida (informação verbal)³.

A vivência de Bruno de Menezes projetou-o do outro lado da fronteira do sistema capitalista. Daí sua imersão no cooperativismo e no sindicalismo como formas de resistências à dominação política e econômica, fato que mais tarde iria consolidar sua posição como humanista e militante dos direitos trabalhistas.

Em O Operário (1913), primeiro soneto de Bruno de Menezes publicado em um periódico da época (O Martelo), a crítica social por ele realizada mostra sua preocupação com o desrespeito aos direitos do trabalhador:

*Fatigado levanta-se o operário
Por haver trabalhado o dia inteiro;
E mesmo sem dirigir-se ao calvário
Do seu agro labor – o grande obreiro...*

*E, se acaso não chega por primeiro
Antecedendo da oficina o horário,
Se quiser para o almoço ter dinheiro
Tem de escutar de doestos um rosário...*
(MENEZES, 1993, p. 453)

A condição de subalternidade do trabalhador é colocada em relevo neste poema. Nele Bruno critica a jornada de trabalho, o estado mental e físico a que eram submetidos os trabalhadores e a baixa remuneração. Sarges (2010, p. 103) comenta essa situação de completa exploração do trabalhador. A força produtiva de trabalho, e, no período em que foi produzido o poema de Bruno, percebe-se a espoliação do seringueiro, mão de obra fundamental na engrenagem capitalista da Era da Borracha, possuía uma situação análoga a de escravidão, como denuncia a pesquisadora:

O seringueiro era o último elo da cadeia econômica. Aparentemente, era livre, mas a estrutura econômica o colocava em situação de trabalho semelhante a servidão. Comprava os suprimentos necessários a preço altíssimo no armazém do seringalista, por isso sempre estava em débito (...) e endividado, não conseguindo mais escapar da exploração do patrão (SARGES, 2010, p. 103).

Vale citar que no início do século XX, as condições legais de trabalho inexistiam, não havia leis que amparassem o trabalhador, as jornadas chegavam até 15 horas diárias; com remuneração miserável, locais de trabalho insalubres, sem direito

2 Geraldo Menezes, hoje monsenhor, vivia no seminário de Belém, preparando-se para o sacerdócio.

3 Entrevista realizada em 19 de maio de 2011 via correspondência eletrônica.

as férias e descanso; os atos de indisciplinas eram tratados com forte relação de poder que iam de multas a castigos ou até tratados com força policial e prisão.

A amargura diante da condição financeira, a luta para garantir o sustento da família e os vexatórios castigos impostos constantemente por Manoel da Costa⁴, fez com que o aprendiz de gráfico na Livraria Moderna, de Sabino Silva, Bento Bruno de Menezes Costa, idealista e trabalhador se decepcionasse com o sistema capitalista. Neste sentido, Alonso Rocha aponta o estado de “revolta” do poeta, que, inspirado pela leitura anarquista, descobre no sindicalismo e no cooperativismo o sistema humanizado de viver:

É uma das fases mais críticas de sua vida, espoliado e humilhado, Bruno revolta-se contra o desumano regime capitalista e torna-se prosélito da doutrina anarquista, influenciado por leituras de Blasco Ibáñez⁵. Tendo sido o anarquismo o inspirador de ardorosos militantes do sindicalismo, Bruno abandona a profissão e, ligado a um grupo de proletários mais ou menos emancipados, dedica-se ao ensino das primeiras letras na Escola Francisco Ferrer fundada pela Federação das Classes Trabalhadoras (ROCHA, 1994, p. 10).

Mesmo como “semi-operário afeito às artes de oficina, passou-se para a livraria Gillet e já na qualidade de mestre prestou serviço na livraria Bittencourt”. A resistência ao capitalismo fez com que Bruno de Menezes deixasse o trabalho nas gráficas e dedicasse seu tempo a favor de um sistema que segundo seu entendimento conseguisse edificar um processo alternativo de geração de trabalho em que o ponto norteador seria a distribuição equitativa da riqueza.

Cooperativista, sindicalista. O papai, devido ao fato de ter tido uma infância pobre, tinha o seu “que” de revolucionário, por isso que ele enveredou pelo cooperativismo, porque até hoje o cooperativismo é a única maneira de uma equipe de homens que não são capitalistas enfrentarem com sucesso o capitalismo selvagem, inspirado nos 28 tecelões de Rochdale, que foram os criadores do cooperativismo. O papai dava aula de cooperativismo. Dai muito embora ele não fosse um homem formado, e, ser chamado professor Bruno no Gentil, no Grupo Escolar Coronel Sarmiento, em Icoaraci (José Haroldo, entrevista em fevereiro de 2011).

Para entender o modo como Bruno de Menezes optou pelo cooperativismo, como meio de equiparação econômica das classes trabalhadoras, vale coloca em relevo a origem desse processo, que inicia no século XIX, com a Revolução Industrial, época em que o proletariado urbano procurava um meio para melhorar sua precária situação econômica, foi quando 28 tecelões de Rochdale, pequena cidade inglesa, associaram-se com o propósito de, mediante a colaboração de todos, tentarem melhorar sua condição de vida. Nesse período histórico, o cooperativismo ganha condições propícias para o seu desenvolvimento.

A verve política anarquista do poeta “custou-lhe sacrifícios e amarguras” (ROCHA, 2006, p. 46). Nesse sentido, Alonso Rocha em seu discurso na Academia Paraense de Letras por ocasião do Centenário da morte de Bruno de Menezes em 1993, colocou em relevo trechos de vários trabalhos, publicados nos jornais, que documentam seu pensamento a favor da união da classe trabalhadora em benefício ao trabalho organizado e humanizado:

Trabalhadores, homens de mãos calosas, componentes do povolêu e da plebe – a única arma para as vossas reivindicações é o sindicalismo’. E, novo profeta, pregava a união das classes obreiras: A coesão, uma é indispensável nos espíritos das classes trabalhadores. É a melhor arma de combate contra as convenções sociais, as especulações burguesas, a ganância patronal’(...)
(...) Necessário se torna que o homem trabalhador erga espécie, humanize o seu ser, levante o irmão que cai, torne-se invencível pela unidade da classe’(...)
(...) A questão é estudar o problema que temos em nossa frente. Abdi-

4 Proprietário da gráfica e Livraria em que Bruno de Menezes trabalhou.

5 Nasceu em Valência, 1867 e faleceu em Menton, 1928 Romancista espanhol. Licenciado em Direito, inicia a sua carreira literária escrevendo em catalão, mas depois passa a escrever em castelhano. Tem alguma actividade política, aderindo ao republicanismo federalista. Desenvolve uma intensa actividade como jornalista e orador, destacando-se na sua juventude como agitador democrático e anticlerical. Em 1891 funda o jornal El Pueblo, criando depois as editoras Prometeo e Sempere, a partir das quais leva a cabo um importante trabalho de divulgação cultural e política entre as classes populares. Em 1909 vai para a Argentina, criando ali duas colónias agrícolas que fracassam economicamente. Em 1914 estabelece-se em Paris e a partir de 1920 faz várias viagens aos Estados Unidos, onde é nomeado doutor honoris causa pela Universidade de Washington. Em desacordo com a política do ditador Primo de Rivera, sai de Espanha e fixa-se em Nice. A sua obra novelística, reflectindo as realidades de Espanha, utiliza recursos próprios do naturalismo de Zola. Os seus romances mais conhecidos são Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, A Catedral e Areias Sangrentas, ambos transpostos para o cinema. disponível em <http://migre.me/76RNY> - acesso em 03.09.2011 – às 19h.

*camos os pequenos agrupamentos em favor da reunião forte e unida dos sindicatos, que é fazermos verdadeiras assembleias associativas'(...)
Por que não oito horas? (ROCHA, 1993).*

No excerto o poeta reafirma a condição de luta pelos direitos trabalhistas e argumentava com seu círculo sobre a unidade em forma de cooperativa para por fim a ganância da burguesia. Bento Bruno assumiu o sindicalismo e o cooperativismo como condição de vida e, como resistência a um sistema que, segundo seu olhar, era desigual e para tensionar e provocar reflexão das classes operárias, envolveu a família, investiu tempo, trabalho e poesia, como relata um de seus filhos:

Eu trabalhei com ele durante dois 02 anos no Departamento de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria do Estado de Produção do Governo Assunção. O governo do Estado do Palácio ainda funcionava aqui no Palácio do Governo antes de ser o Tribunal e, durante esses dois anos, eu também tive ocasiões de fazer preleções sobre cooperativismo escolar. Foi a fase áurea do cooperativismo no Pará, sobretudo, em se tratando do cooperativismo escolas. Papai fundou clubes agrícolas nos grupos escolares. Ele foi o assessor da Cooperativa Agrícola do Estado em Tomé Açu, que era uma potência naquele tempo da SOCIPE de outras cooperativas (José Haroldo Menezes, entrevista realizada em 10.02.11).

Seu trabalho nas oficinas gráficas foram pontes para conhecer literaturas que seriam decisivas na formação política de nosso escritor, como Liv Tolstoi (1828-1910), Maksim Gorki (1860-1904), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895). Foi atuando como professor que, no entanto, Bruno de Menezes abandonou a profissão nas gráficas e iniciou sua vida na militância sindicalista na Escola Francisco Ferrer, estabelecimento de ensino, fundado pela Federação das Classes Trabalhadoras no Pará.

Aldrin Figueiredo (2006, p. 32) relata o envolvimento do poeta com o movimento anarco-comunista, na segunda década do século XX, e sua contribuição para a fundação de entidades ligadas ao anarquismo:

Entre 1916 e 1920, travou uma relação muito próxima com dois grupos muito importantes na organização do movimento operário no Pará: Os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas. (...) Fundou em 1918, o partido Comunista do Pará, tendo frente o grupo político, Os semeadores. Em 1919, criaram o jornal o semeador, sub-intitulado, Órgão de Propaganda Sociológica, com o objetivo de divulgar o triunfo da revolução e derrotar toda a democracia falsa que dirigia as duas Américas.

Nesse sentido foram inúmeras as atividades reivindicando o equilíbrio econômico e social, através de artigos em diversos periódicos como: O Semeador, O Correio de Belém, O Combate, Jornal Pequeno, Voz do Trabalhador e Jornal do Povo, realizava, também, conferências nos sindicatos sobre temas de educação e politização operária. O poema já citado, “O Operário”, publicado em 1913, marca a estréia do poeta na vida literária, concretizava o pensamento visionário do cooperativista Menezes, o “sistema cooperativista, cujos ‘princípios da fraternidade, defesa social e econômica, sem predomínio de elites, nem de raças, condizia com sua crença de que a família humana há de ter o seu outro Éden” (ROCHA, 2006, p. 46).

No poema O Operário, como se viu anteriormente, o engajamento e a causa da justiça social são colocados em evidência num misto de lamento e resistência, o poema é um retrato de sua sensibilidade e pendor crítico diante do que lhe parecia injusto. Por estas e outras, Bruno de Menezes:

Doutrinava os seus companheiros trabalhadores para que ingressassem nos sindicatos, não por apenas utilitarismo imediatista, exigência do estomago ou por simples aumento de salário, porém proclamando que cultivassem o verdadeiro espirito de conagraçamento, a consciên-

*cia da resistência coletiva, o sentimento da união incondicional, da fraternidade humana.*⁶

Bruno articulava e congregava trabalhadores para se organizarem:

*Agrupando estudantes e assalariados, notadamente gráficos, com inclinação para as artes que floresceu naquele ano de 1920, a 'associação dos estreates' demonização logo depois mudada para 'Associação dos Novos'. Iniciantes e entusiastas da Literatura, da Música e da Pintura – representando a novíssima geração – Bruno de Menezes, Rocha Júnior (meu pai), Ernani Vieira, De Campos Ribeiro, Paulo de Oliveira, Mário Platilha, Farias Gomes, Clóvis de Gusmão, Wladimir Emanuel, Wenceslau Costa, Sandoval Lage, Lindolfo Mesquita, Jacques Flores, Gabriel Lage e tantos outros ali tiveram os seus dias de idealismo, sob o incentivo da imprensa.*⁷

Ainda é o historiador Aldrin Figueiredo, em seu artigo, Bruno de Menezes Anarquista, que coloca em destaque as lutas de classes propostas pelo poeta militante:

Necessitava preservar o senso humanista, o lado poético da vida, a compaixão com o amigo próximo. Um sentimento de pertencimento de classes, de partilha de valores espirituais. Há um sentido religioso e revolucionário ao mesmo tempo: “Necessário se torna que o homem trabalhador erga a espécie, humanize o seu ser, levante o irmão que cai, torne-se invencível pela unidade de classe (FIGUEIREDO, 2006, p. 70).

Revolucionar através da literatura era a proposta de resistência do poeta Menezes, em sua investida como professor de cooperativismo, palestrava nos diferentes sindicatos e associações, clubes beneficentes de trabalhadores, como o discurso realizado em 1920, na sede da União dos operários Sapateiros, em que o tema central versava sobre a repressão política, a violência policial, e as perseguições enfrentadas pelo movimento operário no Brasil e no Pará.

Sua caneta escrevia para os periódicos no mesmo tom de sua indignação e luta pelo fim da “ignorância das massas”. O Pará já estava farto da estreiteza dos “Jecastatus”, mas também não precisava de “civilizados”, que só discutiam idéias “nas bancas dos cafés e nas portas dos cinemas” (Figueiredo apud “o sementeiro”)⁸. A luta operária é um dos depoimentos concretos da trajetória intelectual de Bruno de Menezes, quer pela busca de uma conscientização da unidade entre trabalhadores, quer pela estimulante militância e doutrina política e literária ou mesmo pelo exercício estético da crítica social que metamorfoseou sua experiência social na partilha de suas aflições e dificuldades para o bem comum do proletariado, da saúde e progresso da humanidade.

Neste sentido o desenvolvimento da tecitura poética, literária da obra de Bruno de Menezes, esta sedimentada nessa fase inicial anarquista, de intensa atividade política, social, fatos que definiram “a continua produção do literato em seu conjunto e não como etapa de um trabalho imaturo e de rebeldia juvenil” (FIGUEIREDO, 2006, p. 69).

Para Benedito Nunes (2006)⁹, a obra poética segue uma ordem de desenvolvimento, ora cresce uniformemente, ou por sucessivos acréscimos ou por linhas quebradas, atalhos e rumos imprevistos. Mostra também os influxos quer pessoais e históricos na composição da poética. Nesse sentido, afirma Nunes que a literatura de Bruno seguiu essa dupla confluência o que a tornou multicêntrica.

DEBATES AO AR LIVRE

O ambiente literário que envolveu o decênio 1920 a 1930, principalmente pela realização da Semana de arte Moderna, acendeu o sentimento dos literatos pa-

6 Fragmento do pronunciamento feito em 1988, pelo príncipe dos poetas Alonso Rocha, na Academia Paraense de Letras em homenagem ao 95º aniversário de nascimento de Bruno de Menezes.

7 idem.

8 Ver Bruno de Menezes: Prisões, Castigos, expulsões I, O Sementeiro n. 35. Belém, 27 de Janeiro de 1920, p.1

9 Bruno de Menezes inventor e mestre – escrita literária e outras estéticas/Amarilyns Tupiassu (org.) – 2ª ed. – Belém: Unama, 2008.

raenses incentivados pela ideia de rompimento com o tradicionalismo europeu na escrita poética. Diálogos, refutações, trocas e tensões, culminaram na transição entre o Simbolismo e o Modernismo. Bruno de Menezes inserido nesse metier, compõe poesias que trazem as marcas desses movimentos literários.

Os debates envolvendo arte e literatura evidenciaram uma geração de literatos e intelectuais que articulados por Bruno de Menezes, movimentaram o ambiente literário paraense na segunda década do século XX. Os meios de produção evidenciados por esse grupo tinham como desfecho a quebra dos padrões estéticos e tradicionais europeus, a feitura de uma literatura nortista, posicionando-se diante dos medalhões modernistas nacionais e buscando a adesão de expoentes da cultura local como, Fran Pacheco, Augusto Meira, Manoel Lobato, Severino Silva entre outros. Para De Campos Ribeiro, a interação entre novos e velhos literatos nortistas foi sendo harmonizada “pouco a pouco”. Foi o próprio De Campos Ribeiro que relatou esse ambiente da geração que surgia na congregação da “Associação dos Novos”

Minha geração, que começara os primeiros passos em 1921, congregava na “Associação dos Novos” os “ansiados”, como nos chamava o saudoso Ângelus, artista que participara no Rio do movimento de Graça Aranha (...). Começamos quase todos, na “Província do Pará”, em sua segunda fase, ali na Rua 13 de Maio. Uma seção denominada “Coluna dos Novos”, se não laboro em equívoco, acolhia nossos versos, nossas crônicas e contos, dava-nos estímulo, enfim. Em 1924, quando a maioria do grupo já conseguia atrair sobre sua personalidade e atenção dos maiores das letras da terra, aqueles que a ironia de Raul Bopp, então conosco convivendo, chamava os “Jacarés Sagrados”, nossa intrepidez lançara ao mundo literário, não só do Pará, mas do país, a revista “Belém Nova”, que circulou de 1923 a 1929, com a interrupção de alguns meses, consequência das péssimas condições financeiras que tínhamos pela frente. Dirigia a revista Bruno de Menezes e depois Paulo de Oliveira (RIBEIRO, 1973, pp. 16-17).

Esse relato rememora a construção de um grupo que Bruno de Menezes autodenominou de “Vândalos do Apocalipse”. Um grupo engajado com a situação concreta de sua realidade, sensível aos anseios sociais, políticos e literário, assim compromissados com atos que sedimentasse ações que norteariam a concretização de seus pensamentos e ideologias.

A interface entre o Simbolismo e o Modernismo alcançaria os primeiros indícios de uma futura ruptura, com a criação por Bruno de Menezes da revista Belém Nova, era em torno desse periódico que “iria aglutinar-se a falange dos novos no Pará, em principio com algumas concessões ao passadismo, depois com algum colorido agressivo” (INOJOSA, 1994, 116). O movimento modernista foi consequência das transformações culturais, políticas e sociais que se desenvolveram no Brasil e no mundo, desde a primeira metade do século XIX, essa mesma expressão do termo modernista já havia sido usada pelo crítico José Veríssimo no campo das ideias:

Com o Modernismo, a literatura brasileira modificou-se expressivamente, pois nele fundiu-se “a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário”, anota Antonio Candido acerca desse “movimento das idéias”. Tal acontecimento se deve em boa parte às aceleradas transformações culturais, políticas e sociais que já vinham ocorrendo no Brasil e no mundo, desde a primeira metade do século XIX. O crítico José Veríssimo já usava o termo modernismo para conceituar tal empreendimento no campo das idéias em repercussão no país, nesse mesmo período, com base no livre-pensamento, na oposição à monarquia católica e nas mudanças operadas na Europa com o positivismo comtista e o transformismo de Taine e Renan (COELHO, 2005, p. 53).

A intenção nesse momento não é comentar sobre o surgimento do movimento modernista, porém torna-se imperativo colocar em relevo o sentimento dos literatos paraenses em promover a quebra do dogmatismo intelectual e estético que

aprisionava os conceitos literários e conduzia a literatura nacional. Neste sentido, o literato pernambucano Joaquim Inojosa (1994), relembra os anseios de renovação da associação dos novos, uma manifestação coletiva dos jovens intelectuais paraenses que através da “arte nova” buscavam a transformação a feitura poética e literária no norte do Brasil.

um sentimento parecia predominar nos espíritos dos jovens: o do nacionalismo. Vinte ou mais dentre eles, numa espécie de academia ao ar livre, era a quantos por vezes atingiam aquelas tertúlias. Delas participavam Abgar, De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes, Raul Bopp, Clóvis de Gusmão, Santana Marques, Nunes Pereira, Paulo Oliveira, Severino Silva. Cenáculo de “fatos correntes, fofocas e anedotas”, comentaria Bopp, em que também se “agitavam opiniões, notadamente no campo literário”, mas de “intelectualismo sem direção” e de “efeitos estéreis (INOJOSA, 1994, p. 111)”.

Nesse contexto Bruno de Menezes inseria-se como um articulador, inquieto e revolucionário literato, que, não desejava a promoção pessoal diante de sua arte poética, porém, com ela (sua arte poética) promover a “separação do novo o antigo, delimitando os campos futuristas e passadistas” (INOJOSA, 1994, p. 117).

O ambiente proporcionado por esses literatos possuía uma característica muito peculiar, os encontros para discutir arte, literatura, política e mundanismo, aconteciam em dois espaços geográficos bem distintos, articulando dois grupos de intelectuais por volta de 1921, o primeiro foi apelidado de Academia ao ar livre, formado nas reuniões no Largo da Pólvora. Figueiredo (2008) destaca o depoimento de Raul Bopp, sobre os encontros dos acadêmicos ao ar livre:

A noite, no terraço do Grande Hotel, debaixo de copadas mangueiras, reuniam-se os grupos habituais. O círculo de conhecidos ia se alargando. Emendava-se, às vezes, com outras rodas. Vinha o Braguinha, o Proença, o Orlando, Clovis de Gusmão, o Abguar Bastos, às vezes Nunes Pereira. Discutia-se de tudo. Entrava-se em comentários os fatos correntes, fofocas e anedotas. Agitavam-se opiniões, notadamente no campo literário. Em geral, os modos de ver, nesses assuntos, arrematavam-se em blagues. Mas, dessas conversas de calor comunicativo, ficava sempre um resíduo de bom senso, que assinalava o pesado artificialismo em coisas que publicavam.

Outro grupo de literatos, mais boêmio, pela origem modesta reunia-se nos botecos do Ver-o-Peso e no entorno da feira-mercado, ao comando de Bruno de Menezes, que, crítico dos encontros literários sofisticados à moda parisiense, encontravam-se na feira para comer peixe frito e degustar aguardente, como esclarece Alonso Rocha (2006)¹⁰.

O Peixe-frito foi o seu símbolo. Pelos botecos do Ver-o-Peso, ‘abastecendo-se’ de postas de 200 réis, farinha d’água de 10 tostões o litro e cachaça de 500 réis a dose, o grupo boêmio e sonhador – Abguar Bastos, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Nuno Vieira, Muniz Barreto, Sandoval Lage, Clóvis de Gusmão, Orlando de Moraes, Lindolfo Mesquita, Ribeiro de Castro, Rodrigo Pinagé e Bruno – debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafês, nas festanças no Umarizal e outros subúrbios onde se tornavam reis, como oradores e poetas.

A partir do entendimento de Nunes e Torres (2016) podemos perceber a legitimidade da Academia do Peixe Frito e sua interação e interferência no meio social, político, cultural e intelectual da Belém da primeira metade do século XX. Formada por 13 intelectuais. A associação, durante a década de 1930 tinha no poeta e jornalista Bruno de Menezes, um de seus principais articuladores. Esse intelectual contribuiu sobremaneira para “instauração da modernidade literária e a defesa da Negritude no Norte do Brasil”. Ainda em Nunes e Torres (2016) que informam a dissonância entre os hábitos europeus assumidos pelos pequeno-burgueses paraenses e os intelec-

10 Rocha. Alonso. Bruno de Menezes. *Asas da Palavra* 2006.

tuais do “Peixe frito”, como se percebe a seguir:

Os “acadêmicos do Peixe Frito” faziam contraponto a intelectuais pequeno-burgueses que se reuniam, à moda parisiense, nos cafés nobres da cidade. Os integrantes da Academia escolheram como espaço de encontro as barracas da feira do Ver-o-Peso, discussão “regada” então pela cachaça e pelo peixe-frito. O grupo deixou uma vasta obra literária e jornalística, composta por poemas, romances, contos, crônicas, artigos jornalísticos, que contribui para sedimentar um olhar sobre a cultura amazônica, e sua relação dialética com o nacional e o universal, a partir da rebeldia de intelectuais da periferia de Belém. Eles sedimentam o terreno de parte significativa, senão toda, da arte inovadora, que já se fazia sentir na Europa e chegava ao Brasil naquele momento.

Avesso ao tradicionalismo europeu, Bruno aglutina seu companheiros de jornada em torno de sua academia de intelectuais. Sem precisar de uma instância legitimadora, sua atitude em consonância com o modo de pensar coletivo e de uma consciência social, destaca sua preocupação com os injustiçados, os oprimidos pelo sistema, os marginalizados e invisíveis e externa seu pensamento em criar condições políticas, sociais e econômicas, para pessoas que como ele, viviam desassistidas. Bruno de Menezes, instigado principalmente por Tó Teixeira¹¹, optara pelas reuniões em ambientes mais populares quer nas “festanças do Umarizal ou nas rodadas suburbanas em que política, arte e literatura permeavam as conversas, porém essa opção pelo popular não impedia a interação entre os dois grupos”.

O embrião de uma arte nova estaria prestes a surgir, a união desses grupos fundaria a Associação dos Novos e posteriormente a revista Belém Nova. Neste sentido o sentimento de renovação literária; o desejo de construir uma nova feitura poética, inédita, sem cópias; de rever conceitos e formas literárias, de desconstruir todo o processo de amarras do fazer poético, vinham ao encontro dos objetivos idealizados por uma coletividade de intelectuais e que Bruno de Menezes materializou na poesia arte nova:

Arte Nova

*Eu quero um 'Arte original... Daí
esta insatisfação na minha Musa!
Ânsias de ineditismos que eu não vi
e o vulgo material inda não usa!
E a Idéia é ignota... A Perfeição em si,
tem segredos de morte e alma reclusa...
Sendo a glória espinhosa, – eu me feri...
justo e, pois, que este sonho arda e relusa!...
Toda a volúpia estética do Poeta
que eu sou, – para a Poesia que mim sinto,
provém desse Querer em linha reta!
Gloriosa um 'Arte que os Ideais renova!
– Razão da causa por que eu me requinto
na extravagância de uma imagem nova!
(MENEZES, 1993, p. 454).*

Bruno de Menezes está inserido a esses grupos de literatos, sua trajetória poética, social e literária e até mesmo militante e de resistência está estruturada nas necessidades coletivas de seu círculo. Foi o pertencimento ao grupo que Bruno viveu sua fase mais produtiva em revistas como a Belém Nova. Bruno de Menezes foi ponte de transição entre o movimento simbolista, que, diante do novo movimento literário que surgia, continuava vivo na estética do poeta. Bruno de Menezes era o porta-voz de seu grupo.

¹¹ Antônio do Nascimento Teixeira Filho, conhecido como Tó Teixeira, nasceu em Belém em 13/06/1895 e faleceu em 29/10/1982. Violonista e compositor participou dos grupos boêmios seresteiros nas décadas de 20 e 30. compôs peças para o teatro de revista, participou de diversos grupos musicais, entre outras. Além do violão, tocava também violino e trombone. Seu conhecimento musical foi adquirido junto ao pai e convivência com outros violeiros. A migo pessoal de Bruno de Menezes. Observador assíduo dos encontros musicais de seu mundo. Mais sobre Tó Teixeira ler – Habib. Salomão - Tó Teixeira, o poeta do Violão – Belém – Violões da Amazônia (2013)

BELÉM NOVA. UM NOVO MODO DE REVISTAR O MODERNO

Lembro que a intenção aqui não é de versar sobre o surgimento do movimento modernista no Norte, nem de detalhar sobre as características e o quadro de literatos brasileiros que participaram dessa transição, porém quero mostrar os meios de produção, os diálogos e refutações, bem como os colaboradores de Menezes nesse período de sua vida, além dos acontecimentos que permearam a construção de sua formação intelectual e literária.

Nesse sentido, no início do século XX, os periódicos literários, as revistas e os jornais foram espaços de discussões e disseminações de informações e uma forma de participação nas modificações políticas, culturais e literárias, especificamente deter-me-ei à revista Belém Nova e seu movimento.

A trajetória desse novo modelo de comunicar através de revistas e suplementos literários trouxe a disseminação de idéias e ideologias de grupos sociais que a partir de seus pertencimentos buscavam dialogar com a sociedade. Nesse processo o grupo de Bruno de Menezes criou a revista Belém Nova, magazine que passaremos a conhecer sua fundação e principalmente para nossa pesquisa a participação de Bruno de Menezes nesse espaço de práticas literárias. A memória do poeta Alonso Rocha (1993), indica os rumos que a nova revista paraense daria a literatura no norte do país:

‘Belém- Nova’ revista lançada a 15 de setembro de 1923 e que marcou a época, apontando novos rumos à literatura planicitária, era de idealização de Bruno e, sob sua direção, fez eco em nossa terra do movimento literário de vanguarda que empolgava o Brasil; eram seus companheiros de redação Edgar Franco, Alfredo de Souza e Manuel Malhado.

Por isso é imperativo conhecer, mesmo que de forma sintética, os meios de produção da imprensa paraense no final do século XIX e início do XX, período histórico em que a nossa literatura apresentou inúmeras associações literárias, revistas e jornais com pouco tempo de duração, em no máximo 2 anos, e os jornais circulantes na capital do Pará e nas outras cidades paraenses tinham como pano de fundo motivos políticos. Entre os principais órgãos de comunicação impressa podemos citar:

O verdadeiro independente (1824-1827), dirigido por Dom Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia, O amazonense (1832-1842), tendo como redatores os Cônegos Silvestre Pereira e João Batista Gonçalves Campos; O Sentinela, tendo como redator Vicente Ferreira Papagaio; Publicador Paraense (1841), fundado por Justino Henriques da Silva; Diário do Gram-Pará (1853), o primeiro exemplar foi diário e os outros exemplares semanais (MOURÃO, 2006, p. 30)

Circularam entre os anos de 1822 a 1908, catalogadas por Manoel Barata na obra Formação Histórica do Pará 687 jornais, revistas e outras publicações literárias. Durante o período de publicação da revista Belém Nova (1923 a 1929), era nítida a atuação e o fortalecimento da literatura dos jovens modernistas, capitaneados por Bruno de Menezes com características marcantes do novo movimento em que “a forte presença do índio, do caboclo e do negro, além do destaque às mudanças da fisionomia da cidade” (COELHO, 2005, p. 83).

Bruno de Menezes articulava e congregava os pensadores e intelectuais na disseminação de uma nova postura de fazer letras no norte do país, a revista Belém Nova foi um indicador para que os próprios literatos e escritores paraenses percebessem os meios de produção e o que concretamente acontecia no período histórico literário vivido. Esse periódico de publicação quinzenal, contou com a participação da Associação dos Novos. Na primeira publicação da revista, vários nomes da literatura local, entre eles, Raul Bopp, Apolinário Moreira, Pereira de Casto, Abgvar Bastos, Peregrino Junior. Belém Nova teve a duração bastante longa para um periódico literário se comparada aos existentes nesse período. De 15 de setembro de 1923 a 15 de abril de 1929, os leitores acompanharam, crônicas, novelas, contos, reportagens e

ensaios literários, anúncios comerciais, coluna social, fotografias e ilustrações. Entre os anúncios comerciais, o café da Paz, e o Grande Hotel, chamavam a atenção do leitor para suas instalações e serviços.

Coelho (2005, p.77) afirma que a “revista recém lançada imprimia às novas feições da cidade, da cultura e da vida”. A Belém Nova, a partir de um olhar modernista, contribuía no processo social dos primeiros anos da década de 20. A revista era um ponto de convergência dos literatos que ambicionavam uma literatura que revelasse a identidade local e brasileira (nacional), e ao mesmo tempo a tentativa de agregar as diferentes formas de pensamentos.

O Magazine, ao longo do tempo, tentava sobreviver no mercado editorial e ao mesmo tempo disseminar ideias destoante dos seus colaboradores, as refutações internas e os diálogos nem sempre democráticos tornaram a Belém Nova um espaço comunicacional entre a chegada ambicionada de um novo movimento literário em que os intelectuais à sua forma de olhar, evidenciavam suas particularidades diante da nova postura de entender o período histórico artístico, e a necessidade imperiosa de mostrar um engajamento político e social com a comunidade local, suas tradições e memórias.

Nos fins de 1924 e em todo o ano de 1925, a redação do magazine investe mais nos assuntos da política local e nas colunas sobre mundanismo e vida cotidiana da capital para do Pará. A idéia era garantir certo ar mais “engajado” para as matérias que eram veiculadas, ao mesmo tempo em que surgia uma certa nostalgia do passado (...) agora era hora das recordações de um tempo da memória individual de cada literato, revirando momentos perdidos da infância, num reencontro com as tradições populares da terra (FIGUEIREDO, 2001, p. 130).

Ainda observando o entendimento de Figueiredo, diante dos aspectos de transformações, faz-se necessário destacar quando cita Raymond Willians dizendo que:

esse tipo de processo de transição no campo literário são, nesse sentido fundamentais, pois como relata o crítico inglês, as obras literárias refletem muito mais do que um simples vínculos a conceitos, escolas ou cânones(...) a melhor saída afirma Willians é entender “ os valores ativos da literatura(...) como elementos de uma pratica continuada e em transformação que já ultrapassa substancialmente e agora no nível de redefinição teórica, as velhas formas (FIGUEIREDO, 2001, p. 142).

Nesse sentido Bruno de Menezes era o mentor, o articulador das ideias e o moderador do tempo, por isso “Belém Nova fazia conviver em suas colunas gregos e troianos, novos e velhos” (FIGUEIREDO, 2001, p. 138). A revista inovava na forma de comunicar, no momento histórico em que o movimento modernista arrumava o ambiente para ser introduzido no Norte, a revista foi facilitadora desse processo.

Bruno de Menezes dirigia a linha editorial do magazine, que, participava da vida cotidiana dos habitantes da capital paraense, promovia e incentivava a publicação de obras e poesias de literatos locais e nacionais em um intercambio cultural dentro da própria revista. Entre outras, duas obras bastante importante no arcabouço literário de Bruno de Menezes foram publicadas na revista Belém Nova: Batuque e a Novela Maria Dagmar¹². A primeira obra citada, já mostra a importância do pensamento do autor e suas influencias pois “o tema das festas religiosas e profanas dos negros, descendentes dos ex-escravos, aparece na literatura modernista paraense na obra de “Batuque” – posteriormente título de livro do autor, lançado em 1931 – é um conjunto de poemas enriquecido pela musicalidade e pelos recursos estilísticos. Nele Bruno de Menezes se mistura com os negros dos subúrbios de Belém, num entrelaçamento fraterno entre o poeta e a vida dos homens de “cor”. A base intelectual e ativista de Bruno de Menezes, está diretamente ligada aos diálogos com seus pares da Acadêmia do Peixe Frito. Nela Bruno vivenciou, percebeu, experimentou e

¹² Ver Revista Belém Nova n. 6, 10 e 11.

refutou as adversidades social de sua época, a partir de sua condição de negro, pobre e periférico, qualidades que legitimaram, a sua trajetória de intelectual e literato durante seus 70 anos de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer ao debate temas tão caros à sociedade contemporânea e discutir as questões de identidades com ferramentas modernas capazes de provocar uma leitura interdisciplinar, para dar conta dos novos pensamentos sobre cultura popular e a partir dessa reflexão pensar em pluralidade em constantes movimentos de hibridação e resistências como os percebidos nos poemas apresentados em Batuque, foi, sem dúvida, o que me moveu a construção deste ensaio. Esse imbricamento de elementos afro-luso-indígena, enfatizando-se as vozes da diáspora¹³ africana na Amazônia, levou-me a perceber a dinâmica das identidades colocadas em trânsitos e diálogos na formação de outras identidades.

Na busca de ampliar as fronteiras etnicoculturais de Belém, liberando-a do fantasma da Belle Époque, Bruno de Menezes estrategicamente negociou, mediu e utilizou todo o seu arcabouço constituído ao longo de suas práticas sociais, de sua vivência na Jaqueira jurunense da infância, na intenção de revertê-la como forma de conceder o protagonismo dos desfavorecidos e subjugados pelo poder econômico e político-social, que habitavam o Jurunas, o Umarizal dos pretos, o Guamá e a Terra Firma, enfim, a Vila da Barca e outros subúrbios. Em sua inquietude, Bruno de Menezes, tornou-se fonte inesgotável de conhecimento, saberes locais e um profundo entendimento da sua ancestralidade centrada nas diásporas africanas e a partir desse aspecto produziu uma arte voltada para a sua gente. Em toda a sua obra literária, jornalística e etnográfica, Bruno de Menezes não só falou de sua gente, falou de seu pertencimento, de sua genesis, de sua história e com isso pode transbordar de legitimidade e autoridade. E ao falar de si ele recambiou os seus, pretos, caboclos, indígenas e demais categorias menosprezadas pelo capitalismo.

Neste sentido, o entendimento de Bourdieu (2004) na compreensão de produção cultural que se refere diversos sistemas, inclusive o da literatura, está no fato de que não basta referir-se ao conteúdo textual da produção, nem somente ao contexto social ou apenas fazer uma relação entre texto e contexto. Dentre esses espaços existem um universo intermediário a que este autor define como “campo” (literário, artístico, jurídico ou científico), ou seja, o espaço nos quais estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem a arte, a literatura ou a ciência.

Evidenciei a prática intelectual, atravessada por uma dinâmica participação em movimentos informais e formais (dentre as quais estão respectivamente a Academia do Peixe Frito e a Academia Paraense de Letras) de Bruno de Menezes e o que a percepção pode filtrar do seu espírito solidário, de sua ânsia em prol dos injustiçados, sua vivência com o proletariado paraense, homens e mulheres, e seu senso de justiça. Um visionário que nas linhas e entrelinhas percebia o significado de ser negro e assumir-se como tal.

Ao analisar a trajetória deste intelectual singular, percebi a latente disposição em construir uma literatura que ultrapassasse os limites da região sem perder suas características. Dalcídio Jurandir refere-se à sua obra como uma saborosa força nativa que o poeta expressa “a vida brasileira que ele viu, gozou e viveu” nesta Belém tão sua. Sua obra tem uma importância histórica e que há muito ultrapassa a seara do literário, alcançando importância antropológica, etnográfica ainda no dizer de Dalcídio Jurandir, “atravessa a cidade como um igarapé de mar cheia”, uma obra que é sedimentada pela trajetória construída ao longo dos seus 70 anos de vida, que se espalhou desde os Vândalos do Apocalipse até a participação na formal Academia Paraense de Letras, sem esquecer sua liderança e ação renovadora como acadêmico do Peixe Frito.

13 Buscamos o entendimento de Diáspora, a partir do Olhar de Stuart Hall (2011), quando se refere a povos em dispersão. Este conceito está ligado a história dos judeus que foram levados à escravidão no Egito. Nessa perspectiva a diáspora africana, também conhecida como Diáspora Negra é um fenômeno histórico e socio-cultural que ocorreu muito em função da escravatura, quando indivíduos africanos espalhados pelo mundo, transportados para outros países para o trabalho forçado.

6 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. Eustáquio de. *Literatura Paraense: J. Eustáquio de Azevedo*. 3ª. Ed., Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Secult, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952/ Marinilce Oliveira Coelho*. - Campinas, SP: [s.n.], 2003.
- COIMBRA, Adriana Modesto. *Bruno de Menezes: reminiscências da cultura africana na obra Boi-Bumbá – auto popular*. Belém: UFPA, 2009.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados*. Pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia - 1870-1950. Belém: EDUFPA, 2008.
- _____. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia: 1908-1929*. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de doutorado, Unicamp, 2001.
- HALL, Stuart. *Minimal selves*. In: GRAY, Ann; McGUIGAN (orgs.), *Studies Culture. An Inducion Reader*. London/New York: Arnold, 1993 (1987), 134-138.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL 1975
- MENEZES, Bruno. *Boi Bumbá – auto popular*. Belém: Editora H. Barra, 1958.
- _____. *Batuque*. Belém: Secult, 1993.
- NUNES e TORRES. *Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX*. ANAPCOS : 2016
- MOURÃO, Silvia Carvalho. *A Semana*. Periódico Literário. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Belém. 2006.
- REGO, Clovis Moraes. *A Mina na Literatura Nortista de Eustachio de Azevedo e n' o Pará Literário de Theodoro Rodrigues*. Belém: EDUFPA, 1997.
- RIBEIRO, José Sampaio de Campos. *Gostosa Belém de Outrora*. Belém: Editora Universitária, 1965.
- ROCHA, Alonso. *Bruno de Menezes: Traços biográficos*. In: et. al. Bruno de Menezes ou a sutileza da transição: ensaios. Belém: Cejup/UFPA, 1994.
- RODRIGUES, Carmen Izabel. *Vem do Bairro do Jurunas: sociabilidades e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-Pa*. Tese (Doutorado em antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Produzindo riquezas na belle-époque (1870-1912)*. Belém. Paka-Tatu, 2000.
- _____. *Memórias do Velho Intendente (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências: Versão de Oração de Sapiência proferida na abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1985/86*, 12. Ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Política do Modernismo: contra os novos modernistas*. Tradução André Glaser. São Paulo: Unesp, 2011.

DOCUMENTOS ESCRITOS

Jornal O Martelo.

MENEZES, Bruno. “*O operário*” OM. Belém, 01 de maio de 1913, p.1. Belém Nova, Pará.

BARBOSA, Joaquim. “*Epistola*”. BN. Nº 44. Belém.

BASTOS, Abguar. “*À geração que surge*”. BN. Nº 5. BN Belém, 10 de novembro de 1923.

Recebido em 10 Abr 2018 | Aprovado em 04 Jul 2018

Marcos Valério Lima REIS

Professor titular da disciplina Literatura Amazônica e Afro-brasileira da Faculdade Integrada Brasil Amazônia e doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. Membro da Academia Paraense de Jornalismo.